

INTRODUÇÃO E AGRADECIMENTOS

Mesmo o mais ortodoxo, o mais “imparcial” dos historiadores, que acredita e alega que mantém uma atitude simplesmente receptiva, rendendo-se somente aos dados a ele fornecidos, não é, de maneira alguma, passivo no exercício de seus poderes mentais. Ele traz consigo os seus próprios padrões e observa os fenômenos apresentados à sua percepção exclusivamente através desses meios. E, especialmente, em tudo aquilo que pretenda ser ciência é indispensável que a Razão não adormeça e que a reflexão seja exercitada ao máximo.

G. W. F. HEGEL¹

Quem controla o passado, controla o futuro. Quem controla o presente, controla o passado.

GEORGE ORWELL²

Este livro é o resultado de 12 anos de pesquisa. Como engenheiro nuclear, participei ativamente do desenvolvimento da indústria nuclear brasileira. No início da década de 1980, comecei a perceber que havia um grande desconhecimento, por parte da maioria das pessoas, acerca do real significado da Era Atômica, em seus aspectos políticos, militares, estratégicos e tecnológicos.

Esse desconhecimento atinge, ainda hoje, os segmentos mais cultos e ilustrados da população brasileira.

Deparei-me com uma lacuna educacional – um “vazio de informação” – sobre fatos e eventos que exerceram um papel decisivo na conformação do mundo moderno.

Faltava um livro que relatasse de forma rigorosa – porém acessível ao leitor não iniciado – a história da energia nuclear, desde a concepção do “átomo” pelos filósofos gregos, até o tempo presente, cada vez mais impregnado da tecnologia nuclear e dominado pelo poder atômico.

O vazio desta História foi, ao longo dos anos, se transformando numa obrigação de escrevê-la. Obrigação fundamental que tomei para mim.

No Brasil, pouco se tem escrito sobre energia nuclear. O pouco que há, com as exceções de praxe, contém equívocos e desinformação.

Em outros países, muitos livros têm surgido sobre o assunto. A maioria é pontual e episódica. Poucos contêm uma análise temporal e abrangente desta história – que se constitui num dos grandes épicos da humanidade.

Em virtude de minha formação técnica e científica, tive que dedicar boa parte destes 12 anos ao estudo da História. Particularmente à metodologia – ou Filosofia da História.

Esta metodologia não é consensual. Minha iniciação começou com Heródoto³ e Tucídides⁴ – passando por Hegel,⁵ Arnold J. Toynbee⁶ e Benedetto Croce⁷ – até chegar aos historiadores e cientistas políticos contemporâneos como Marc Bloch,⁸ E. H. Carr,⁹ Raymond Aron,¹⁰ Peter Burke,¹¹ Carroll Quigley¹² e Hayden White.¹³

Dentre os historiadores brasileiros, dediquei-me, especialmente, a Luiz Alberto Moniz Bandeira, Edgard Carone e Nelson Werneck Sodré.

As dificuldades encontradas em escrever uma história da energia nuclear que comece com Tales de Mileto e termine com Henry Kissinger são consideráveis. Como condensar 2.600 anos de história em 350 páginas? Deveríamos separar os usos pacíficos da energia nuclear de seus usos militares? Como abordar a rica história nuclear brasileira numa obra que pretendesse ser universal? Era preciso definir um “método histórico” que pudesse resolver estes impasses.

Em Quigley, encontrei uma abordagem adequada ao desafio que se apresentava:

A verdade é que bastará um momento de reflexão para perceber que os fatos do passado são infinitos e que as classificações possíveis destes fatos do passado são igualmente numerosas. Não sendo possível mobilizar todos os fatos em qualquer história escrita, em virtude do seu grande número, deve haver algum princípio em que se baseie a seleção destes fatos. Tal princípio é um instrumento da análise histórica. Qualquer historia-

dor experimentado deve ter consciência dos princípios que adota e ser explícito a respeito deles para os seus leitores.¹⁴

O objetivo principal, na elaboração deste livro, foi produzir uma análise histórica através de uma perspectiva ampla e abrangente. Uma história da energia nuclear – vista com um olhar brasileiro. Ao mesmo tempo, buscou-se redigir um texto que fosse compreensível e atrativo ao maior número de leitores interessados no tema – sem que nenhuma concessão fosse feita ao rigor do método histórico adotado.

Obviamente, existe um preço a ser pago em uma história que pretenda ser abrangente. Em primeiro lugar, a seleção dos fatos históricos deve ser mais restritiva. Desta forma, buscamos destacar idéias, fatos e acontecimentos que – como hoje podemos constatar – exerceram maior influência na conformação do mundo em que vivemos.

Por conseguinte, assumo o ônus de uma história que será, certamente, incompleta. Por outro lado, seria instigante imaginar que este livro possa despertar em outros autores o interesse em aprofundar e complementar a história nuclear.

Esta é uma história contemporânea. Sua elaboração embute todas as dificuldades e restrições decorrentes do reduzido distanciamento histórico. A análise histórica priorizou a utilização de fontes primárias – frequentemente de difícil obtenção. A análise comparativa de fontes secundárias foi usada na ausência das primeiras. Na sua grande maioria, os eventos históricos são corroborados em duas ou mais referências bibliográficas. Da mesma forma que recorri a fontes históricas “tradicionais”,¹⁵ também utilizei registros jornalísticos e outras fontes menos ortodoxas – sempre aferindo a credibilidade das informações colhidas. Afinal, como definiu Paul Burke, “os registros oficiais em geral expressam o ponto de vista oficial; para reconstruir as atitudes dos hereges e dos rebeldes, tais registros necessitam ser suplementados por outros tipos de fonte”.¹⁶

Seguindo o método de Quigley, procurei apresentar os eventos históricos em suas múltiplas dimensões – não apenas a dimensão político-econômica (como é praxe de muitos autores) – mas incorporando a

análise dos aspectos estratégicos, militares, tecnológicos, sociais, culturais e nacionais.¹⁷ Busquei, sobretudo, estabelecer um fio de encadeamento lógico que permita ao leitor uma melhor compreensão da conexão entre o passado e o presente.

Neste livro, utilizei frequentemente o recurso da história oral. Para tal, recorri aos trabalhos e métodos competentes desenvolvidos pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, o CPDOC, que podem ser consultados em *História oral: a experiência do CPDOC*, de Verena Alberti.¹⁸

Por último, devemos ressaltar que a história contemporânea da energia nuclear envolve uma significativa e peculiar dificuldade. Trata-se da barreira do segredo, do caráter secreto que reveste uma enorme gama de eventos, tecnologias, políticas e estratégias que constituem a essência do desenvolvimento nuclear.

A partir da descoberta dos primeiros elementos químicos radioativos por Marie Curie, o manto do segredo passou a encobrir a pesquisa nuclear – em função do enorme potencial, tanto para o bem quanto para o mal, que a energia contida no núcleo do átomo poderia trazer para a humanidade. E foi assim que, de forma trágica e surpreendente, a população mundial tomou conhecimento da energia atômica em 6 de agosto de 1945 – quando 140 mil pessoas foram exterminadas com a explosão da bomba atômica sobre Hiroshima.

* * *

Como seria de se esperar, durante um projeto tão prolongado, contrai inúmeras dívidas de gratidão.

Gostaria, sobretudo, de expressar meus agradecimentos àqueles que participaram dos eventos descritos neste livro - e que me concederam seu tempo e disponibilidade para entrevistas, discussões e correspondência: Edward Teller (*in memoriam*), Hervásio de Carvalho (*in memoriam*), José Leite Lopes (*in memoriam*), Leonardo Álvaro Alberto, Marcello Damy de Souza Santos, Renato Archer (*in memoriam*), Rex Nazaré Alves e Witold Lepecki.

Aos amigos que me apoiaram ao longo desta jornada e contribuíram com material de pesquisa, críticas, sugestões, incentivo e ajuda, meus sinceros agradecimentos: Alfredo Tranjan Filho, Alvaro Rocha Filho, Carlos Passos Bezerril, Claudio Rodrigues, David Sattam, Eduardo Grand Court, Geraldo Luís Lino, Gustavo Camargo, Hércio Costa, Jair Albo Marques de Souza, José Carlos Castro, Lorenzo Carrasco, Lucilia Azevedo, Luiz Augusto Loureiro de Sá, Luiz Alberto Moniz Bandeira, Marineti Simões, Vera Dantas e Wagner Vícter.

A Luís Hiroshi Sakamoto e Edson Kuramoto – companheiros da Associação Brasileira de Energia Nuclear –, pelo apoio decisivo na conclusão do livro.

Agradeço, em especial, à Eletrobrás – na pessoa de seu presidente, Aloisio Vasconcelos –, pelo patrocínio cultural que viabilizou a pesquisa de campo e a edição final do livro.

Quero, finalmente, expressar meu profundo amor às mulheres da minha vida – Claudia, minha esposa; Anita e Paula, minhas filhas – por seu carinho, compreensão e paciência durante os longos anos e longas horas consumidas em pesquisas e trabalho. E ao Pingo,¹⁹ meu velho companheiro dos bons e dos maus momentos.

Guilherme A. M. Camargo
Rio de Janeiro, novembro de 2006